

Santa Rosa ilustrador

Poucos saberão hoje quem foi Tomás Santa Rosa. Paraibano, nascido em 1909, dirigiu-se ao Rio de Janeiro nos anos 1930. Era na capital federal onde se faziam as gentes de artes e letras de então. Autodidata, tornou-se profundo conhecedor de música, teatro, das artes – tinha um grande apreço pela técnica. Tornou-se mestre no desenho e composição, dedicando-se também ao ensino. Foi uma das mais importantes figuras no processo de modernização cultural do país, impactando das artes gráficas ao teatro.

Aficionados por edições antigas, pesquisadores do romance regional brasileiro, do teatro de Nelson Rodrigues, certamente terão ouvido falar em seu nome, mas talvez não tenham a real dimensão de sua obra. Em seus 47 anos de vida bem vivida, ele não foi responsável apenas por estabelecer uma identidade visual que permeou inúmeras edições de autores seminais na literatura brasileira, divulgados pela Editora José Olympio (foram mais de 200 obras!).

Para se ter uma ideia do impacto dessas capas e projetos de Santa Rosa, ele ilustrou: José Lins do Rego, Jorge Amado, Lucio Cardoso, Graciliano Ramos, Gilberto Freyre, Rachel de Queiroz, Jorge de Lima, Murilo Mendes, Oswald de Andrade e tantos outros grandes autores nacionais. Autores em seu auge, livros que mudaram a literatura no Brasil, apresentados de forma segura, fluida, elegante.

Os cuidados em seus projetos não ficavam apenas na capa, no desenho – que já não é pouca coisa. Ele cuidava da tipografia, da paginação, da diagramação. Santa Rosa fez dezenas de capas para livros de outras editoras, revistas, além de projetos para coleções e suplementos literários. Entre estes, destacam-se as belas edições do *Jornal de Letras*, repleto de ilustrações e suas vinhetas. Não apenas de Santa Rosa, mas de companheiros seus, como Augusto Rodrigues e Di Cavalcanti.

Santa Rosa era procurado por seus conhecimentos, adquiridos ao construir uma rica coleção de discos e livros – uma das principais bibliotecas de referência em arte no país, diziam amigos próximos, com mais de três mil volumes. Um grande esforço pessoal para alguém como ele, que tinha seu sustento no trabalho de artista e professor – o esforço de alguém verdadeiramente apaixonado e dedicado à cultura brasileira. Santa pertence a uma geração que mudou o que entendemos por país, que permitiu uma modernidade crítica e sonhadora, desejada e respeitada por todos nós.

A maior parte de sua produção como ilustrador se deu nos anos 1930 e 1940. Na década seguinte, sua ação destacada no mundo das artes, em tantas frentes, não mais permitiu que se dedicasse como antes à ilustração, ao desenho. Jurado em bienais e salões, representante em delegações internacionais, foi justamente numa dessas viagens de representação, em novembro de 1956, à Índia, que falece de forma prematura. Perdemos, então, um humanista: preocupado não apenas com as questões estéticas sofisticadas, mas também com a alfabetização, com a participação do negro – como ele – na vanguarda cultural do País.

Ao ler essas poucas palavras, quem se encantar com Santa e sua história, que procure ‘Santa Rosa em cena’, de Cássio Emmanuel Barsante. Quem quiser desfrutar um pouco mais do traço do artista e de seu papel na história da ilustração e desenho gráfico no país, busque pelo ‘Capas de Santa Rosa’, de Luís Bueno. O trabalho de manter viva a memória, de registrar e ressignificar é permanente. Que venham e o descubram as novas gerações!

Oto Dias Becker Reifschneider / pesquisador, colecionador, galerista